

humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LII • MM



MARTIN, René: *Le Satyricon. Pétrone* (Paris, Ellipses, 1999) 176 p.

Os estudiosos de Petrónio e do romance antigo em geral podem acolher com aplauso esta monografia de R. MARTIN, de resto o primeiro trabalho em língua francesa que, desde 1912, se centra inteiramente sobre o *Satyricon*. Trata-se de uma obra de maturidade, surgida depois de mais de duas décadas e meia de reflexão sobre esta área de estudos, uma vez que, já em 1975, o Autor publicava, no nº 53 da *REL*, um estudo intitulado “Quelques remarques concernant la date du *Satyricon*”, que adiante retomaremos. Estudar Petrónio é, sem dúvida, uma tarefa fascinante, mas levanta muitos problemas, como R. MARTIN salienta, logo desde a “Introduction”. Ora é na consideração dessas múltiplas dificuldades que este trabalho se revela particularmente útil, na medida em que o seu Autor analisa as grandes linhas de interpretação do *Satyricon*, com espírito crítico e sagaz, sem cair na tentação do dogmatismo.

R. MARTIN dividiu o seu estudo em três partes complementares e destinadas a poder informar um público diverso, com graus de complexidade diferente, mas mantendo sempre o interesse, condição que não é fácil de cumprir. A primeira parte, mais filológica, destina-se à problemática do *Satyricon*, a que o Autor deu o significativo subtítulo “beaucoup de questions et quelques réponses”. Analisa, antes de mais, o debatido problema da identificação do autor do *Satyricon* e mostra estar bem familiarizado tanto com os testemunhos antigos como com os estudos modernos mais pertinentes para esta questão. Neste ponto, o Autor retoma o essencial das posições defendidas no artigo de 1975, onde advogava uma datação para o *Satyricon* na época de Domiciano, contra a posição tradicional, que situa a escrita da obra em tempos de Nero. A principal novidade consiste em que MARTIN propõe, agora, uma solução de compromisso, de que transcrevemos aqui o essencial (p. 14): «on peut aussi imaginer une solution [...], qui consisterait à dire que *Le Satyricon* tout à la fois **est et n'est pas** l'œuvre du Pétrone dont parle Tacite: en effet il serait fort possible que le fameux pamphlet écrit par celui-ci avant de mourir ait servi ultérieurement de base, ou de canevas, à un écrivain qui se serait servi de lui (en l'amplifiant considérablement) pour en faire un roman qu'il aurait publié sous le nom de Petronius Arbiter». Sobre a hipótese defendida pelo Autor em 1975, já nos pronunciámos pela negativa em monografia recentemente publicada (cf. D.F. LEÃO, *As ironias da Fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*; Lisboa e Coimbra, Edições Colibri, 1998, esp. pp. 24-28); sobre o desenvolvimento agora proposto falaremos no final da recensão.

MARTIN alarga a sua discussão à própria grafia do título (pp. 15-19), não hesitando em pôr em causa a tradição francesa, ao defender a forma *Satyricon*, que também achamos preferível. São pertinentes, igualmente, as reflexões sobre o estado fragmentário do romance, mas mostramo-nos relutantes em aceitar a hipótese (pp. 25-26, avançada apenas como conjectura) de que o *Satyricon*, tal como o possuímos, resulta da reunião de material diverso, oriundo talvez até de autores e épocas diferentes, facto que ajudaria a explicar a sua natureza polimórfica e serviria, sobretudo, de reforço à possibilidade avançada por MARTIN relativamente à autoria da obra. Na verdade, aceitar esta hipótese é desistir de uma das notas de maior interesse da escrita de Petrónio: a sua maleabilidade estilística.

À parte isso, revelam-se muito interessantes, ainda nesta primeira parte, as reflexões levadas a cabo pelo Autor acerca da natureza polissémica e revolucionária do *Satyricon*, da sua classificação enquanto romance realista ou fantástico, bem como dos vários níveis de leitura da *Cena*. É louvável que MARTIN procure esclarecer estes aspectos através do confronto com obras literárias e cinematográficas, sem esquecer o contributo da moderna teoria da literatura, domínios muitas vezes desprezados pelos filólogos. Aliás, esta preocupação mantém-se e acentua-se na segunda parte do estudo, centrada no “*Satyricon* como texto fundador”. É particularmente útil e bem conduzida a discussão do género em que deve enquadrar-se o *Satyricon* (pp. 78-90), que classifica como “primeiro romance”, com argumentos bastante ponderados. Isso não impede que, pontualmente, discordemos do Autor, como acontece quando afirma que os deuses estão ausentes do *Satyricon*, reconhecendo apenas uma excepção (p. 88): «la seule divinité dont on peut à la rigueur admettre les interventions est Priape». Na verdade, há que contar também com a *Fortuna*, entidade que, apesar de discreta, se revela omnipresente (reflectimos sobre esta questão no nosso estudo *As ironias da Fortuna*, esp. pp. 119-131). MARTIN acrescenta ainda informações bastante úteis sobre a transmissão e recepção do *Satyricon*, de que se destaca a influência exercida pelo episódio da “Matrona de Éfeso”, sem esquecer as versões cinematográficas de Fellini e do (quase desconhecido) Gianluigi Polidoro.

A terceira parte do livro inclui a tradução de alguns passos mais significativos, acompanhados de um breve comentário, destinados, certamente, a um público menos familiarizado com Petrónio. Acresce ainda uma orientação bibliográfica sumária e dois índices: um de críticos e comentadores (que pode servir de complemento à bibliografia) e outro de autores e obras. Globalmente, este trabalho de R. MARTIN constitui, como dissemos no início, um estudo bem organizado, profundo e muito útil tanto para os especialistas como para o leitor comum que deseje confrontar-se com o universo petroniano. A parte que nos poderia motivar um comentário mais alargado diz respeito à autoria e datação do *Satyricon*. A proposta agora avançada pelo Autor enfrenta, como ele mesmo reconhece, um duplo destino possível (p. 14): «voilà peut-être de quoi mettre tout le monde d'accord... à moins que tout le monde ne nous tombe dessus!» A título pessoal, R. MARTIN confiou-nos que já terá chegado mais longe na “Questão petroniana”, mas o estudo em que o fez ainda não se encontra disponível. Aguardaremos, então, até que essa condição fique satisfeita para nos pronunciarmos com mais propriedade.

DELFIM F. LEÃO